





Colección

**Educación, crítica & debate**

---

**Edición:** Primera. Agosto de 2015

**ISBN:** 978-84-16467-01-3

**Tirada:** 400 ejemplares

**Diseño:** Gerardo Miño

**Composición:** Eduardo Rosende

© 2015, Miño y Dávila srl / Miño y Dávila editores sl

Prohibida su reproducción total o parcial, incluyendo fotocopia, sin la autorización expresa de los editores. Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Dirijase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, [www.cedro.org](http://www.cedro.org)) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



**dirección postal:** Tacuarí 540 (C1071AAL)  
Ciudad de Buenos Aires, Argentina

**tel-fax:** (54 11) 4331-1565

**e-mail producción:** [produccion@minoydavila.com](mailto:produccion@minoydavila.com)

**e-mail administración:** [info@minoydavila.com](mailto:info@minoydavila.com)

**web:** [www.minoydavila.com](http://www.minoydavila.com)

**redes sociales:** @MyDeditores, [www.facebook.com/MinoyDavila](http://www.facebook.com/MinoyDavila)

Elisa Lucarelli

—editora—

# Universidad y asesoramiento pedagógico

*Prólogo de María Isabel Da Cunha*

Elisa Lucarelli  
Claudia Finkelstein  
Viviana Solberg  
María Alicia Villagra  
Néstor Casas  
Ana María Malet  
Mercedes Collazo  
Sylvia De Bellis  
Patricia Perera  
Vanesa Sanguinetti

MIÑO y DÁVILA  
♦ EDITORES ♦



# ÍNDICE

Prólogo,  
*por María Isabel Da Cunha* ..... 9

Presentación,  
*por Elisa Lucarelli*..... 13

## **PARTE I**

### **Las asesorías pedagógicas en las universidades nacionales argentinas: visión panorámica y profundización de problemáticas**

#### **Capítulo 1**

Una mirada actual del asesor pedagógico universitario:  
escenarios y trayectos  
*por Elisa Lucarelli, Claudia Finkelstein y Viviana Solberg*..... 21

#### **Capítulo 2**

Los casos en profundidad: los asesores pedagógicos hablan  
de sus prácticas  
*por Elisa Lucarelli, Claudia Finkelstein y Viviana Solberg*..... 65

## **PARTE II**

### **Las asesorías pedagógicas en la Universidad Nacional de Tucumán**

#### **Capítulo 3**

La asesoría pedagógica en la Universidad Nacional de Tucumán  
(UNT): replanteos desde un emblemático “caso”  
*por María Alicia Villagra* ..... 117

#### **Capítulo 4**

La historia del ICPC como un “eterno retorno”  
*por María Alicia Villagra y Néstor Casas*..... 137

### **PARTE III**

#### **Las asesorías pedagógicas en la Universidad Nacional del Sur**

##### **Capítulo 5**

Acerca de asesorías y asesoramiento pedagógico  
en la Universidad Nacional del Sur

*por Ana María Malet* ..... 163

### **PARTE IV**

#### **Las asesorías pedagógicas en la Universidad de la República, Uruguay**

##### **Capítulo 6**

Asesorías pedagógicas y políticas de enseñanza en la  
universidad pública uruguaya: pasado y presente

*por Mercedes Collazo, Sylvia De Bellis, Patricia Perera*

*y Vanesa Sanguinetti* ..... 193

#### **A modo de entrelazamientos reflexivos...**

*por Elisa Lucarelli* ..... 249



## PRÓLOGO

Um sentimento de alegria vem mesclado com a imensa responsabilidade que assumo ao fazer o Prólogo desta obra, organizada por Elisa Lucarelli, com a participação de investigadoras da sua equipe, que amplia a representação da Universidad de Buenos Aires (UBA), com a colaboração das colegas argentinas da Universidad Nacional de Tucuman, da Universidad Nacional del Sur e da Universidade de la República (UdelaR) do Uruguai. Com elas tenho tido o prazer de conviver e realizar trabalhos conjuntos de pesquisa e formação.

Desde muitos anos temos tido esse privilégio, validando um processo solidário de partilha de conhecimentos, experiências e afetos. Nessa trajetória ratificamos a inicial perspectiva de que a ação conjunta nos faria bem, assim como ao nosso trabalho. Mais do isso, favoreceria a ampliação das relações acadêmicas que, ao se multiplicarem, se fortaleceriam. E de uma iniciativa muito interpessoal, alcançamos um patamar não imaginado, ao incluir no camino, outros colegas docentes e estudantes de graduação e pós-graduação, que representam diferentes instituições, tanto na Argentina como no Brasil

O estímulo à implantação de culturas colaborativas para a pesquisa deu respostas interessantes aos anseios sociais e intelectuais e favoreceram, especialmente, o espaço da formação. A pesquisa, para além da sua função social de produtora do conhecimento com vistas às demandas da sociedade, tem um significativo papel formador, em particular quando se compreende formação numa dimensão reflexiva e permanente. Seu sentido pedagógico situa-se na capacidade de estimular o pensamento dos sujeitos, de mantê-los em constante estado de aprender a aprender e a saber pensar para poder intervir no mundo de forma responsável. Mais

do que métodos, a pesquisa requer e proporciona atitudes que, auxiliando a autonomia intelectual dos sujeitos, é capaz de auxiliar na sua cidadania.

Outra dimensão importante da pesquisa como formação decorre do estímulo ao pensamento crítico e à sua dimensão social. Como afirma Vieira Pinto (1979), “a pesquisa crítica educa o pesquisador para possuir a noção do seu trabalho como parte do trabalho social e, portanto, sujeito às mesmas vicissitudes, às mesmas condições que afetam os demais trabalhadores” (p. 315).<sup>1</sup> Para o autor, o cientista crítico o é, especialmente, em relação a si próprio e ao seu trabalho, construindo a perplexidade típica daqueles que estão em constante questionamento e em exercício de uma necessária humildade epistemológica. Exercitar uma atitude científica requer a aceitação da provisoriade do conhecimento e o reconhecimento de que todos os homens trazem em si as condições e capacidades de transformação do mundo.

O anseio por esse exercício nos encaminhou para o trabalho colaborativo, pois a compreensão da provisoriade e incompletude do conhecimento estimulou o processo de produção coletiva. Nesse, as múltiplas energias se congregam, assinalando a possibilidade de ampliação e aprofundamento do tema em estudo. O trabalho de investigação em redes fortalece a condição científica e valoriza a perspectiva humana da produção do conhecimento. Tanto como chegar a resultados, valoriza-se a vivência dos processos que assumem uma natureza pedagógica por excelência. Provavelmente esses espaços se constituam nos lugares mais privilegiados para a formação de novos cientistas, pois, para além do domínio de técnicas e procedimentos, os envolvidos vivem a condição concreta da investigação, com sua complexidade e desafios.

Essas compreensões sustentam o trabalho do Grupo que produziu este estudo. Organizando-se em torno do importante tema da docência universitária e das iniciativas institucionais interessadas e comprometidas como o desenvolvimento profissional dos professores e da qualidade dos procesos de ensinar e aprender na universidade, exercitaram com maestria a exigente condição da investigação partilhada.

Refletir sobre a formação e desenvolvimento profissional dos docentes na universidade exige que se recorra à pesquisa, à prática de formação e ao próprio significado do papel do professor na sociedade. Numa perspectiva mais ampla, a pesquisa acompanha os movimentos político-ecômicos e socioculturais que dão forma ao desempenho docente, num amálgama de

---

1. Vieira Pinto, Álvaro (1985). *Ciência e existência*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

condições teóricas e práticas. Também as instituições universitárias estão submetidas aos mesmos movimentos. E registrá-los e sobre eles refletir, constitui-se numa significativa contribuição para o campo educacional.

Vale registrar a importância de explorar alternativas e estratégias de assessoramento que inspirem trajetórias e susdiem iniciativas institucionais, partindo do pressuposto de que há diferentes possibilidades e caminhos. Cada universidade, em cada tempo e contexto, opta por estratégias que, entretanto, podendo ser diversas, não serão neutras, mas correspondem, inevitavelmente a uma concepção política de educação. Correspondem, ainda, a contextos históricos e repondem à condições objetivas de funcionamento que caracterizam ou caracterizaram cada instituição. Também refletem as compreensões teórico-metodológicas que sustentam ou sustentaram as ações desenvolvidas. E esse foi o intuito do Grupo, ao investigar as experiências de assessoramento pedagógico nas instituições de educação superior.

As autoras apresentam uma obra de especial importância, tanto pelo conteúdo dos diferentes capítulos como pelo testemunho de que é possível a produção e a partilha solidária de saberes. Num contexto contemporâneo tão competitivo presente nos espaços acadêmicos, esta obra quer ser um testemunho da importância e possibilidade do trabalho que tem a partilha como referente.

Sinto-me privilegiada pelo convívio com tão especial Grupo. Um grande agradecimento por esta oportunidade e o desejo de que as contribuições dadas no livro, se espalhem nas geografias do sul e dialoguem com todos que nelas encontrarem sentido.

Maria Isabel da Cunha<sup>2</sup>

Porto Alegre, 21 de março de 2015.

- 
2. Profesora titular del Programa de Posgrado y de la Maestría Profesional en Gestión Educativa de la UNISINOS. Doctora en Educación por la UNICAMP. Posdoctorado en Sociología de la Educación por la Universidad Complutense de Madrid. Estagio Docente Senior en la Universidad de Sevilla. Investigadora en el campo de la Pedagogía Universitaria. Coordinadora del Grupo de Investigación “Formación de Profesores, enseñanza y evaluación” (CNPq). Investigadora 1ª. del CNPq. (mabel@unisinos.br)



# PRESENTACIÓN

Elisa Lucarelli

*Lo nuevo tiene en su contra no solamente teorías y conceptos viejos, sino también fuerzas sociales y políticas que se movilizan con particular eficacia cuando son confrontadas con algo nuevo.*

(De Sousa Santos, 2010)

La universidad se nos presenta como una de las instituciones más antiguas de nuestro mundo occidental que persiste en sus más de diez siglos de historia, tensionada por procesos que traslucen permanencia y transformación. Una mirada diacrónica la muestra como una organización que en los dos últimos siglos ha producido cambios de modelos e intencionalidades formativas sin haber estado preparada para ello; la complejización y modernización de la organización y la diversificación de la oferta de formación se instalan aceleradamente, superponiéndose a prácticas cotidianas ajenas a los nuevos modelos (Krotsch, 2001, p. 7). En la región latinoamericana estas condiciones se expresan acompañando los procesos de recuperación democrática de la institución universitaria, posteriores a las dictaduras que asolaron varios países en las tres últimas décadas del siglo pasado. Procesos que se fueron desarrollando simultáneamente (en Latinoamérica y a nivel mundial) con el resurgimiento del neoconservadurismo en contextos históricos de pobreza y con el seguimiento de políticas educativas fuertemente influidas por la presión de los organismos internacionales de financiamiento.

Definir calidad, estudiar los procesos innovadores, identificar estrategias pertinentes a estas instituciones, obliga a tener en consideración ese contexto, desafiando el desarrollo de propuestas de carácter universal que acosan a una institución considerada, en palabras de De Sousa Santos (2005) “como un bien público, sin aliados fuertes y permanentemente amenazado, vulnerable al embate de fuerzas internas y externas”.

Las innovaciones de carácter protagónico que implican rupturas con las prácticas rutinarias, habituales en el aula de clase, se constituyen en un objeto interesante de investigación para una institución que se atreve mirarse a sí misma, planteándose nuevos interrogantes.

Otro objeto problematizador es el análisis del lugar que ocupan los pedagogos dentro de las estrategias institucionales que animan estas prácticas alternativas en búsqueda de una calidad pertinente.

El libro que aquí se presenta se inscribe en esta última problemática al encarar el estudio de uno de los actores que, a través de sus prácticas de asesoramiento, formación docente, investigación, intervención, colaboración con la gestión, desarrollo de proyectos institucionales, y de la reflexión sistemática sobre esas prácticas, se constituye en uno de los hacedores del campo de la pedagogía y didácticas universitarias.

Un encuadre histórico nos obliga a ver esta producción como un objeto situado en una trayectoria de tiempos largos de experiencias compartidas y en un ámbito que trasciende a los investigadores que aquí presentan sus estudios. La problemática del asesor pedagógico universitario en las universidades nacionales no es un tema de interés reciente para estos investigadores. Ellos conocen, desde prácticas diversas, los desafíos que implica el trabajo del asesor en las instituciones, ya que han desempeñado o desempeñan ese rol en universidades nacionales, han desarrollado acciones de formación con estos actores y analizaron esas prácticas desde la investigación, produciendo obras sobre el tema.<sup>1</sup> En estos espacios hemos compartido experiencias, hemos trabajado en común, sosteniendo un marco teórico ideológico afín en torno a la educación en general y a la enseñanza universitaria en particular, orientado por principios democráticos de inclusión de las mayorías y parámetros sustentables de calidad de la enseñanza. La asociación de los investigadores también se fue consolidando por su participación en los encuentros específicos de la temática organizados periódicamente por la Red de Asesores Pedagógicos Universitarios (RedAPU) desde 2008, y por su pertenencia a dicha red.

Las investigaciones contenidas en este libro se realizaron en el marco del Proyecto Conjunto de Investigación Mercosur Argentina (SPU)-Brasil (CAPES) PPCP 003/11: “*Estrategias institucionales para el*

- 
1. Lucarelli, E. (Comp.) (2000). *El asesor pedagógico en la universidad: de la teoría pedagógica a la práctica en la formación*. Buenos Aires, Paidós.  
Lucarelli, E. y Finkelstein, C. (ed.) (2010). *El asesor pedagógico en la universidad, entre la formación y la intervención*. Buenos Aires, Miño y Dávila.

*mejoramiento de la calidad de la Educación Superior y el desarrollo profesional docente*”, que fue coordinado por la doctora María Isabel Da Cunha por Brasil desde la Universidade Do Valle Do Sinos (UNISINOS) y por mí, desde la Universidad de Buenos Aires. El proyecto, de dos años de duración, incluía, además de acciones de formación de posgrado en ambos países e intercambio de docentes, un componente de investigación que permitía la inclusión de otros equipos institucionales, además de los propios de las universidades coordinadoras.

Es así que, en la sección argentina, fueron invitados a participar equipos de la Universidad Nacional de Tucumán, de la Universidad Nacional del Sur<sup>2</sup> y de la Universidad de Buenos Aires (del Programa *Estudios sobre el aula universitaria*), así como de la Universidad de la República, de Uruguay, dando lugar a un conjunto interinstitucional e internacional de investigadores, que nuestra colega María Isabel –con quien nos une más de veinte años de experiencias académicas compartidas– bautizó como “Grupo Del Plata”. Una obra que antecede a esta, conteniendo los resultados logrados por los equipos brasileños, argentinos y uruguayo a través de sus investigaciones, fue editada en Brasil en 2014;<sup>3</sup> parte de los desarrollos de cada caso institucional aquí presentados fueron esbozados en aquella producción.

Cada uno de estos equipos enfocó una faceta particular de un mismo objeto de estudio: el asesor pedagógico universitario comprendido en su contexto, desde un enfoque dinámico que permitiera conocer las condiciones institucionales en que se dan los procesos de conformación del rol, las características que asumen sus prácticas y las relaciones que establece con los otros actores institucionales. Cada uno de estos equipos tomó a la vez caminos diversos en la definición estratégica de un encuadre metodológico común, el de la investigación de tipo cualitativa, donde la voz de los sujetos tiene un lugar principal. De esta manera, el presente libro, que se interroga sistemáticamente sobre la caracterización del asesor pedagógico universitario, da lugar a una producción articulada,

- 
2. En el primer año participó también una investigadora de la Universidad Nacional de Entre Ríos, la licenciada Gabriela Bojarsky quien no pudo continuar con el estudio iniciado sobre las cuatro universidades entrerrianas por motivos ajenos a su voluntad.
  3. Da Cunha, M. y Lucarelli, E. (org.) (2014). *Estratégias de qualificação de ensino e o assessoramento pedagógico: reconhecendo experiências em universidades Ibero-Americanas*. Criciúma, Edi UNESC.

sin que por eso se sostenga, en sentido estricto, en una metodología de investigación propia de la educación comparada.

El libro está organizado en cuatro partes, correspondiente cada una a lo producido por cada equipo institucional de investigación.

La primera, *El asesor pedagógico en las universidades nacionales argentinas: visión panorámica y profundización de problemáticas*, estructurada en dos capítulos, está elaborada por Elisa Lucarelli, Claudia Finkelstein y Viviana Solberg, equipo del Programa *Estudios sobre el aula universitaria* con sede en el Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires; explora la identificación de un panorama general de las asesorías pedagógicas en un conjunto de instituciones, identificando problemáticas y actividades según la visión que los propios sujetos tienen sobre su desempeño del rol. Cada capítulo corresponde a una etapa de la investigación. El primero, *Una mirada actual del asesor pedagógico universitario: escenarios y trayectos*, utilizó fuentes secundarias, con información empírica procedente de Comunicaciones elaboradas por los propios asesores para un evento académico sobre ese tema, permitiendo elaborar una descripción general sobre el contexto institucional, la estructura organizativa e infraestructura, para analizar consecuentemente las problemáticas centrales que hacen al rol, definidas por núcleos de actividades en veinte universidades nacionales argentinas. El segundo capítulo, *Los casos en profundidad: los asesores pedagógicos hablan de sus prácticas*, considera cinco casos de los indagados anteriormente para analizar, con datos obtenidos a través de entrevistas, los tres núcleos relevantes de la caracterización de esas unidades, identificados en el análisis del conjunto: la conformación del rol, la extranjería y la dimensión administrativa.

La segunda parte, referida a las asesorías pedagógicas en la Universidad Nacional de Tucumán, también está estructurada en dos capítulos: el 3, *La asesoría pedagógica en la Universidad Nacional de Tucumán (UNT): replanteos desde un emblemático "caso"*, de autoría de María Alicia Villagra, y el 4, *La historia del ICPC como un "eterno retorno"*, elaborado por María Alicia Villagra y Néstor Casas. En ellos exploran la experiencia de un instituto creado en la década de 1980 para cumplir funciones de apoyo pedagógico, en especial en lo que a la formación docente se refiere, los cambios sufridos con relación a su lugar de inserción en la estructura universitaria, dando lugar a una trayectoria caracterizada por una tensión irresuelta entre *permanencia-disolución*. El capítulo 4,



*La historia del ICPC como un “eterno retorno”*, continúa con el análisis del devenir del instituto a partir de 1994 hasta la actualidad, desarrollo en el que a través de la presentación de situaciones, se busca presentar el estado actual del instituto, los aportes en la formación pedagógica, las particularidades y avatares de sus sucesivos reglamentos y las características de los movimientos hacia la regularización de su planta docente. A través de la información obtenida de fuentes documentales y entrevistas, el estudio desarrolla un enfoque histórico, destacándose, para el análisis, la dimensión psicoinstitucional.

La tercera parte presenta el caso de la Universidad Nacional del Sur, a través del capítulo 5 elaborado por Ana María Malet, *Acerca de asesorías y asesoramiento pedagógico en la Universidad Nacional del Sur*. En él considera las diferentes estrategias de asesoramiento desarrolladas en el ámbito de esa universidad, ubicando como antecedente de importancia a las experiencias actuales la asesoría pedagógica instalada en los noventa en el Departamento de Agronomía de esa institución. Presenta el complejo proceso de consolidación en el tiempo y en el espacio de las asesorías pedagógicas, que culmina en el año 2004 con la creación de una Unidad de Asesoría Pedagógica a nivel de rectoría que cumple acciones que abarcan la universidad en su conjunto. Esta unidad coexiste con otros recursos institucionales para el desarrollo profesional de los docentes universitarios. Con información proveniente de documentos y entrevistas, la investigación focaliza las actividades de asesoramiento en cuatro casos, dando cuenta de posiciones diferentes con respecto a las finalidades que tienen las demandas, como así también los encuadres que asumen las acciones realizadas.

La última y cuarta parte está referida al caso de la Universidad de la República, de Uruguay, contenida en el capítulo 6, *Asesorías pedagógicas y políticas de enseñanza en la universidad pública uruguaya: pasado y presente*, elaborado por Mercedes Collazo, Sylvia De Bellis, Patricia Perera y Vanesa Sanguinetti. El estudio por ellas realizado permitió reconstruir la trayectoria histórica de las asesorías pedagógicas en relación con los ejes de la política universitaria uruguaya e identificar las principales tensiones que emergen de su desarrollo institucional; reconocer el perfil actual de las esas unidades indagando sus condiciones estructurales, problemáticas centrales y perspectivas de desarrollo; y por último, explorar la visión que sobre las asesorías pedagógicas tienen los principales actores institucionales vinculados con su actividad. A través del análisis de un rico material empírico proveniente de documentos

generales y normativos, fuentes estadísticas y entrevistas, el capítulo evidencia el interjuego histórico –pasado y presente– entre políticas universitarias de fortalecimiento de la enseñanza de grado, a nivel de las facultades y a nivel central, y los desarrollos institucionales realizados por los núcleos de asesoría pedagógica, identificando los principales polos de tensión que, sobre su identidad institucional, perviven en el tiempo, así como los desafíos de su desarrollo futuro.

Por último, la obra arriesga el esbozo de un acápite final de mi autoría, *A modo de entrelazamientos reflexivos...* que intenta reafirmar nuestro propósito común de construir una mirada holística y articulada pero sin uniformidades empobrecedoras, sobre este sujeto protagónico del campo de la pedagogía y la didáctica universitarias.

## Referencias bibliográficas

Krotsch, P. (2001). *Educación superior y reformas comparadas*. Bernal, Universidad Nacional de Quilmes.

Sousa Santos, B. de (2005). *La universidad en el siglo XXI*. Buenos Aires, Miño y Dávila.

Sousa Santos, B. de (2010). *Refundación del Estado en América Latina. Perspectivas de una epistemología del Sur*. México, Siglo XXI/Universidad de los Andes.

— PARTE I —

**El asesor pedagógico en las universidades  
nacionales argentinas. Visión panorámica  
y profundización de problemáticas**



# CAPÍTULO 1

## Una mirada actual del asesor pedagógico universitario: escenarios y trayectos

Elisa Lucarelli, Claudia Finkelstein  
y Viviana Solberg<sup>1</sup>

En una primera etapa de la investigación<sup>2</sup>, en la que se trabajó con información de material documental, se propuso elaborar una descripción general que permitiera identificar el perfil de las Unidades de Asesoría Pedagógica (UAP) en las universidades nacionales argentinas y precisar las problemáticas centrales que definen sus actividades según lo expresan los propios equipos. Con este propósito se consideró como fuentes de los datos, las comunicaciones producidas por unidades de asesorías pedagógicas de universidades nacionales argentinas y presentadas en un evento académico realizado en el año 2010, las cuales fueron reelaboradas posteriormente para la edición de un libro sobre esta temática.<sup>3</sup>

- 
1. En la elaboración de los dos capítulos que integran esta Parte I se contó con la colaboración de la licenciada María Mercedes Lavalletto, adscripta al Programa de investigación *Estudios sobre el aula universitaria*. E-mail: mercedeslavalletto2000@gmail.com
  2. En su etapa inicial el equipo contó con la colaboración de las siguientes adscriptas a la Cátedra de Didáctica de Nivel Superior de la Carrera de Ciencias de la Educación (FFyL-UBA): las licenciadas Karen Esteve, Vanesa Montenegro, Gisela Piccirillo, Lorena Piliponsky y Noemí Vallejos.
  3. El II Encuentro de Prácticas de Asesorías Pedagógicas Universitarias se realizó en marzo del año 2010 en la Facultad de Filosofía y Letras y en la Facultad de Odontología de la UBA. Fue organizado conjuntamente por el programa *Estudios sobre el aula universitaria* del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación de la Facultad de Filosofía y Letras de la UBA y el Área de Educación Odontológica y Asistencia Pedagógica de la Facultad de Odontología de la UBA. La obra de referencia es Lucarelli, E. y Finkelstein, C. (ed.) (2012), *El asesor pedagógico en la universidad. Entre la formación y la intervención*. Buenos Aires, Miño y Dávila.

En esta primera parte se realizó el análisis transversal de las ponencias presentadas por las siguientes universidades nacionales argentinas: Universidad Nacional del Litoral; Universidad Nacional de Rosario; Universidad de Buenos Aires; Universidad Nacional de Entre Ríos; Universidad Nacional de Tucumán; Universidad Nacional del Sur; Universidad Nacional de Río Cuarto; Universidad Nacional de la Patagonia San Juan Bosco; Universidad Nacional del Litoral; Universidad Nacional de San Juan; Universidad Nacional de La Plata; y las universidades que integraban en ese momento la Red de Universidades del Conurbano Bonaerense (RUNCOB).

## 1. Descripción general de su estructura y funcionamiento

En este apartado se presenta una caracterización de las asesorías pedagógicas en las universidades nacionales argentinas, de manera de identificar la época de su creación, su nombre, su dependencia administrativa, el lugar que ocupan, su estructura en cuanto a integrantes y el grado de institucionalización que evidencian.

En lo referido a la época de creación de estas unidades, la casi totalidad de las diecinueve que mencionan el dato fueron creadas después de la recuperación democrática de las universidades, mientras que dos pertenecen a la época previa. De las diecisiete creadas a partir de 1984, diez surgieron en la última década (después de 2001) y siete entre 1993 y 2000.

Cuadro N° 1: Época de creación de las UAP

Creación	Frecuencia
Pre-normalización (anterior al año 1984)	2
1984-1990	5
1991-2000	2
2001-actualidad	10
No menciona	5
Total	24

La identificación de la Unidad de Asesoramiento Pedagógico a través del nombre con que se las reconoce, también evidencia información de interés, ya que la diversidad observada en sus denominaciones podría estar acentuando una baja estructuración de este campo profesional. En efecto, la mayoría de los que mencionan este aspecto (nueve de quince

unidades) destacan la función que cumplen, mientras otras resaltan el campo disciplinar profesional de referencia.

En relación con el primer rubro, la función que desempeñan, de las nueve que mencionan en su nombre la función que cumplen, cinco se reconocen en la asesoría, y las cuatro restantes hacen referencia al apoyo a la gestión, a la formación docente, a la orientación al estudiante, y a ésta articulada con la asesoría.

De las otras seis que expresan su denominación refiriendo el área disciplinar de acción, cuatro se identifican explícitamente con la pedagogía universitaria y dos solamente refieren a la calificación de *pedagógica* o *técnica* al nombrar la unidad de que se trata.

Otro dato que reafirma la baja estructuración del campo profesional se observa al considerar, dentro de la estructura administrativa, el tipo de unidad que define a las asesorías pedagógicas. Al respecto se evidencia un amplio espectro y diverso alcance en lo que a su jerarquía se refiere: división (equivalente a departamento en la organización por facultades), dirección, instituto, centro, gabinete, área, unidad, programa.

Cuadro N° 2: Denominación de las UAP

Denominación	Frecuencia
Asesoría Pedagógica	4
Gabinete de Asesoramiento Pedagógico	1
Área Asesoría Pedagógica y Orientación Vocacional	1
Programa de Orientación	1
Unidad de Apoyo Técnico a la Gestión Académica	1
Instituto Coordinador de Programas de Capacitación Docente	1
División Pedagogía Universitaria	1
Dirección de Pedagogía Universitaria	2
Servicio de Pedagogía Universitaria	1
Unidad Pedagógica	1
Centro Universitario Técnico Educativo	1
No menciona	9
Total	24

Por otro lado, la mayoría de las veintidós UAP que mencionan el dato, dependen administrativamente de una facultad (o su equivalente, el departamento, en aquellas universidades cuya estructura es departamental) y una sola señala que se ubica en el rectorado. En el conjunto que se ubica en las facultades, la mayor parte (trece de veintiuna) dependen

de la Secretaría Académica, señalándose una como perteneciente a la Secretaría de Extensión y otra de ellas a una cátedra.

Cuadro N° 3: Dependencia de las UAP

<b>Dependencia</b>	<b>Frecuencia</b>	<b>Total</b>	
Rectorado	1	1	
Facultad / División	Secretaría Académica	13	
	Secretaría de Extensión	1	
	Cátedra	1	21
	No menciona dependencia de Facultad	6	
No menciona	2	2	
<b>Total</b>		<b>24</b>	

De las comunicaciones analizadas, catorce hacen mención a la estructura de integrantes que caracterizan a la unidad, la mayoría de las cuales (doce) corresponden a equipos (siete interdisciplinarios y cinco con pedagogos como miembros), mientras que dos son unipersonales, también pedagogos.

Cuadro N° 4: Conformación del equipo de las UAP

<b>Conformación del equipo</b>	<b>Frecuencia</b>	<b>Total</b>
Unipersonal		2
Equipo	Equipo interdisciplinario	7
	Equipo pedagógico	5
No menciona		10
<b>Total</b>		<b>24</b>

El grado de institucionalización de la UAP puede estimarse, por un lado, en función de la normativa que los crea y que establece sus funciones, y a la vez, por la legitimación del rol en la estructura universitaria mediante concursos, ya que estos son los que otorgan ciudadanía a los actores permitiéndoles participar en el gobierno universitario. Hay un número muy alto de los que hacen mención de este aspecto que hablan de la normativa de creación (trece de dieciséis), pero solamente tres se refieren a cargos concursados, lo cual permite inferir la existencia de un rol caracterizado por la fragilidad en términos de estabilidad, permanencia y lugar institucional.



Cuadro N° 5: Grado de institucionalización de las UAP

Institucionalización	Frecuencia
Concurso	3
Reglamento (Res. C.S; Res. C.D o C.A)	13
No menciona	8
Total	24

### 1.1. Los núcleos centrales de su acción

Los asesores pedagógicos universitarios en estudio hacen referencia, en orden decreciente de frecuencia, al apoyo a proyectos institucionales, la formación, el asesoramiento, la investigación y la extensión, como las problemáticas centrales de las actividades que desarrollan en sus instituciones.

Cuadro N° 6: Problemática central

Tipo de actividades	Frecuencia
Apoyo a proyectos institucionales	33
Formación	25
Asesoramiento	17
Investigación	13
Extensión	3
Total	91

Como puede observarse, la acción que más frecuentemente lleva a cabo el APU es el apoyo a proyectos institucionales (con una frecuencia de 33 menciones), donde se incluyen actividades para favorecer la retención de los estudiantes, para favorecer el ingreso, de orientación vocacional y otros de carácter general. El cuadro que sigue permite advertir los énfasis con que se llevan a cabo este tipo de tareas.

Cuadro N° 7: Apoyo a proyectos institucionales

Modalidad	Frecuencia
Para favorecer el ingreso	8
Para favorecer la retención	17
Orientación vocacional	7
Otras modalidades	1
Total	33

En segundo lugar, lleva adelante la formación del docente de este nivel y de estudiantes (F: 25), desarrollando diverso tipo de dispositivos en función de variados destinatarios.

Cuadro N° 8: Formación

Tipo	Destinatario	Modalidad	Frecuencia	Total
En el rol docente	Docentes propiamente dichos	Espacios de reflexión	3	18
		Cursos	11	
		Posgrados	2	
		Otras modalidades	2	
	Docentes noveles (alumnos o graduados)			3
	Tutores	Espacios de reflexión	1	3
		Cursos	1	
Otras modalidades		1		
De estudiantes de grado (en el marco de una carrera)			1	1
Total				25

En tercer término, el asesoramiento (F: 17), fundamentalmente a cátedras y en cuestiones de acreditación o autoevaluación, tal como se observa en el cuadro que sigue:

Cuadro N° 9: Asesoramiento

Modalidad	Temáticas	Frecuencia	Total
A cátedras		5	5
A la gestión	En cuestiones de acreditación o autoevaluación	5	12
	Otros	7	
Total		17	17

Otra de las tareas que realiza en menor medida el asesor es la investigación. Respecto a ésta última (F: 13), se observan énfasis vinculados a respuestas a la demanda institucional, como modalidad estratégica, en cuanto a la conformación de los equipos y utilizando metodología cualitativa y como objeto de estudio el campo de la pedagogía y didáctica universitarias.

En último lugar aparecen tareas de extensión (F: 3) con una frecuencia mucho menor.

## **2. Actividades principales de un asesor pedagógico universitario**

A continuación se analizarán cada una de las actividades principales que llevan a cabo los asesores pedagógicos universitarios estudiados, esto es, el apoyo a proyectos institucionales, la formación, el asesoramiento y la investigación.

### *2.1. Acerca del desarrollo de proyectos institucionales*

Una de las actividades que detectamos con mayor fuerza dentro del desempeño de las unidades APU analizadas es el desarrollo de distintos proyectos institucionales. La gran mayoría de estos proyectos tienen como eje central el acompañamiento a los estudiantes en distintos aspectos o momentos de su trayecto formativo: encontramos, por un lado, proyectos que se proponen favorecer el ingreso de los estudiantes a la vida universitaria; por otro lado, proyectos que pretenden facilitar, a través de distintos dispositivos, la retención de los alumnos una vez que pasaron las primeras etapas de su trayecto formativo en la universidad; y por último, proyectos que hacen foco en la orientación vocacional. Muchos de esos proyectos hacen eje en más de uno de esos objetivos.

Probablemente este énfasis en el acompañamiento a estudiantes tenga que ver con el hecho de que el fenómeno de masificación de la educación superior que se viene dando en las últimas décadas a nivel mundial ha abierto el ingreso al nivel superior de educación a franjas sociales antes excluidas, con un aparente sentido de inclusión social. Sin embargo, sostiene Ezcurra (2011) que se trata de una inclusión excluyente: los alumnos provenientes de los sectores desfavorecidos tienen menos probabilidades de continuar sus estudios superiores y coronarlos con la graduación.

Es por eso que –asociada a la masificación– irrumpe una tendencia estructural: las altas tasas de fracaso académico y abandono, que principalmente afectan a los sujetos pertenecientes a los estratos más desfavorecidos de la sociedad. Alumnos de escasos recursos y de primera generación (aquellos estudiantes universitarios cuyos padres no han concurrido a este nivel) tienen más probabilidades de padecer a la vez otros factores condicionantes de abandono, como ser trabajadores de tiempo completo, disponer de una dedicación parcial al estudio, retrasar la entrada al ciclo post-secundario y pertenecer a sectores étnicos. Así, cuantos más factores propios del estatus en desventaja operan, mayor

es el riesgo de deserción. Afinando la mirada, la autora señala que la deserción en la educación superior se concentra en el primer año (y en las capas en desventaja). Diversos estudios ponen de manifiesto que el primer año no sólo resulta crucial para el abandono, sino que es vital en cuanto a aprendizajes y desarrollo cognitivo.

Como señalan Larramendy y otras (2012), comienza a delinearse, entonces, “la necesidad de intervenir para hacer efectiva la democratización en el acceso a la universidad mediante acciones que permitan atenuar las crisis de los inicios, favorecer el sostenimiento de los alumnos en la carrera y promover la terminalidad de los estudios” (pp. 247-248).

En este marco, muchas instituciones deciden actualmente destinar esfuerzos tendientes a acompañar a los estudiantes en su trayecto formativo (especialmente en los primeros años), como modo de paliar el fenómeno de la deserción. Entre las líneas de acción y dispositivos institucionales implementados para intervenir en ese sentido, es posible mencionar, a modo de ejemplo, los cursos preparatorios y/o de ingreso, las acciones de bienvenida, las charlas informativas para alumnos ingresantes, la producción de material informativo, los talleres con temáticas diversas asociadas al ingreso, etc. Entre estas acciones, merecen una mención especial los sistemas de tutoría que, en los últimos años, comenzaron a implementarse de manera creciente en las universidades del país, tanto por iniciativa de las unidades académicas como promovidas, en ciertos casos, por organismos educativos centrales (Larramendy y otras, 2012).

Los sistemas tutoriales llevan adelante acciones que, a través de distintos dispositivos, hacen foco en el sujeto, ofreciéndole acompañamiento, sostén y guía. El sujeto es concebido como un individuo que lleva adelante un proyecto personal de formación que supone el pasaje de la adolescencia a la adultez, en términos de la búsqueda de un lugar en el mundo de los adultos y del trabajo. Según Canessa (2002, en Larramendy y otras, 2012), transitar este pasaje conlleva una cuota de sufrimiento psíquico vinculado al momento de duelo por la infancia perdida, la sacudida de las identificaciones que conduce a la búsqueda de un nuevo lugar, y la asunción de nuevas responsabilidades. La incorporación al mundo universitario supone inevitablemente sentimientos de ansiedad e incertidumbre, ligados al contacto con lo desconocido: en ese nuevo contexto el alumno deberá aprender el “oficio de ser estudiante”.

Las intervenciones diseñadas en los sistemas tutoriales, bajo las diversas modalidades en que se presentan –de pares, llevadas a cabo por docentes, grupales, individuales, obligatorias o a demanda,

por mencionar algunas variantes posibles– se orientan en la línea de acompañar y favorecer mejores condiciones para que los sujetos “aprenden a ser estudiantes” y a “estar en la universidad”, allí donde se estima que el impacto puede ser más crítico: el inicio de la vida universitaria (Larramendy y otras, 2012, p. 249).

Es importante destacar que tradicionalmente los sujetos que ingresaban a la universidad eran concebidos como adultos, portadores de ciertos saberes y condiciones para su desempeño en la universidad, como resultado de su tránsito previo por el sistema educativo. A su vez, se solía considerar que, dado que deciden –más o menos– voluntariamente continuar sus estudios y eligen –más o menos– libremente una carrera, debieran poder transitar su formación y las distintas instancias que eso implica sin mayores inconvenientes, de manera autónoma y competente. Señalan Larramendy y otras (2012) que estos supuestos no condicen con los altos índices de abandono de los estudiantes al inicio de sus carreras, con las demoras documentadas en la terminalidad de los estudios, ni con las preocupaciones y observaciones de los docentes respecto de las posibilidades académicas de sus alumnos. En ese contexto,

las tutorías ofrecen un marco pensado para el abordaje de estas cuestiones, a modo de espacio transicional, en donde es posible dudar, consultar, no saber, no poder. En otras palabras, ese espacio tutorial funcionaría para los alumnos como sostén en un determinado momento del trayecto de la formación, que procura disponer de modos de acompañamiento en el camino hacia la autonomía que, como sujetos adultos en formación, deberán construir (Larramendy y otras, 2012, p. 249).

Por otro lado, digamos que este tipo de dispositivo apunta a incidir positivamente en los estudiantes para “la educación para la carrera”, entendida como “el conjunto de estrategias que un sujeto debe implementar a lo largo de toda su vida para la toma de decisiones de índole académica, profesional, ocupacional y personal (familia, uso de tiempo libre, etc.)” (Canessa y otros, 2009, p. 234, en Larramendy y otras, 2012, p. 250).

Una de las cuestiones clave que los ingresantes a la universidad deben desarrollar es el oficio de ser estudiantes, que incluye el saber estudiar y el saber aprender. Según Ezcurra (2011), el saber estudiar implica la planificación, organización y aprovechamiento del tiempo de estudio, que alude al concepto de compromiso o implicación estudiantil, crítico para el aprendizaje y la retención. El saber aprender se entronca con las habilidades metacognitivas, que suponen el monitoreo del propio proceso

de estudio. Por último, aprender el oficio de estudiante supone también aprender a ser evaluado. Esto puede darse por ensayo y error, o porque la organización se encargue de iniciar a sus nuevos miembros.

A su vez, se considera fundamental prestar especial consideración a favorecer el desarrollo de habilidades de lectura y escritura académica. Se entiende que ambas habilidades son imprescindibles para acceder a los conocimientos que requiere la formación universitaria, así como para incorporarse a la vida académica. De hecho, el concepto de alfabetización académica, que se viene desarrollando desde hace algunas décadas, señala

el conjunto de nociones y estrategias necesarias para participar en la cultura discursiva de las disciplinas así como en las actividades de producción y análisis de textos requeridas para aprender en la universidad. Apunta, de esta manera, a las prácticas de lenguaje y pensamiento propias del ámbito académico (Carlino, 2005, p. 13).

Este concepto pone de manifiesto que los modos de leer y escribir –de buscar, adquirir, elaborar y comunicar conocimiento– no son iguales en todos los ámbitos. Por el contrario, la diversidad de temas, clases de textos, propósitos, destinatarios, reflexión implicada y contextos en los que se lee y escribe plantean siempre a quien se inicia en ellos nuevos desafíos y exigen continuar aprendiendo a leer y a escribir. Las acciones que desarrollan las instituciones muchas veces se proponen colaborar con los estudiantes en esta línea.

En el marco de estas acciones institucionales, los equipos APU se constituyen como actores fundamentales para su desarrollo. Las diferentes ponencias analizadas en este eje ponen de manifiesto que los equipos de asesoría pedagógica se abocan cada vez más al abordaje de estas dificultades y a la implementación de propuestas de intervención que contribuyan a paliarlas, procurando favorecer la retención y el avance regular en los estudios: indagación de los factores que inciden en el bajo rendimiento, vinculación con la escuela media, servicio de orientación vocacional-ocupacional, revisión del régimen de cursada y evaluación, dictado de cursos de formación disciplinaria complementaria, espacios para la socialización en la institución universitaria, y especialmente la implementación de sistemas de tutorías.

En el análisis de las 24 unidades pedagógicas presentado a través de las ponencias se puede apreciar que la mayoría de estos proyectos tienen al estudiante universitario como destinatario principal, y en particular a sus dificultades para ingresar o avanzar en el trayecto formativo. Si bien

**Vista parcial del contenido del libro.**

Para obtener el libro completo puede adquirirlo en:

[www.bibliotechnia.com](http://www.bibliotechnia.com)

[www.e-libro.net](http://www.e-libro.net)

[www.interebook.com](http://www.interebook.com)

**MIÑO y DÁVILA**  
♦ E D I T O R E S ♦